Notícias Africanas

CLIPPING SEMANAL SOBRE OS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA E ÁFRICA AUSTRAL

Nº 105
1 A 7.5.95

Savimbi fez uma reviravolta na reunião de ontem em Lusaca

"Dos Santos é o meu Presidente!"

Do nosso enviado
Jorge Heitor,
em Lusaca

PÚBLICO, 7.5.95

Aparentemente, tudo correu pelo melhor. O Presidente de Angola e o seu principal adversário conversaram durante perto de duas horas e almoçaram à mesma mesa, tendo depois trocado abraços e gentis palavras. Mas quem se lembra do Alvor, de Gbadolite e de uma tarde de Maio de 91 no Palácio da Ajuda, em Lisboa, pode ficar com dúvidas de que desta vez os compromissos entre o MPLA e a UNITA sejam mesmo para valer.

"José Eduardo dos Santos é o Presidente do meu país, é o meu Presidente!", disse Jonas Savimbi, em português e inglês, para que não restassem dúvidas, pouco antes das 15 horas de ontem, à sombra de uma grande árvore, perante mais de uma centena de pessoas que escaldavam ao sol nos relvados da State House, sede da Presidência da República da Zâmbia.

"Quero cooperar para a consolidação da paz, onde o Presidente e o país acharem que serei necessário. Que os angolanos percam o cepticismo!", acrescentou o líder da UNITA, cuja intervenção se seguiu às que haviam sido feitas pelos chefes de Estado zambiano e angolano e foi porventura a mais sensacional, depois de tantas críticas que o Galo Negro sempre tem feito ao MPLA e ao seu chefe.

"José Eduardo dos Santos acaba de retirar todos os meus receios. Agradeço-lhe muito. Estamos aqui para trabalhar pelo nosso país; e oramos a Deus todo poderoso para que a paz se estabeleça em Angola", prosseguiu Savimbi, que estava com a mesma camisa preta, de colarinhos abertos sobre o mesmo casaco branco com que há meses se apresentara no congresso do Bailundo.

"Senhor Presidente, muito obrigado!", insistiu o líder da oposição angolana, subitamente deferente para com o político, um pouco mais novo, que aparentava a tranquilidade dos vencedores e que fez a maior das intervenções da tarde, num total de 15 minutos.

Nada de trombas

"Este encontro tão esperado decorreu de uma forma bastante exitosa [sic]. Não há aqui caras trombudas", começara por dizer o Presidente de Angola, às 14h35, se bem que nessa altura Savimbi ainda se apresentasse com um ar bastante compenetrado, como se a reunião a sós iniciada ao fim da manhã não lhe houvesse corrido muito bem. Ou como se tivesse acabado por capitular.

"Fomos capazes de superar as dificuldades. Encontrámos entendimento em todos os assuntos discutidos", afirmou José Eduardo dos Santos, no quadro cor-de-rosa traçado da conversa que a partir das 11h20 encetara com o adversário e que fora seguida de um almoço de 70 pessoas, oferecido no interior do palácio pelo Presidente zambiano, Frederick Chiluba. Cá fora, no jardim, jornalistas, seguranças e demais presentes também não haviam ficado sem comer e beber, que a hospitalidade africana não é palavra vã.

"Concluímos que temos de exercer mais esforços ainda para acelerar a implementação do Protocolo de Lusaca. Decidimos agora trabalhar de forma séria, para que todas as cláusulas sejam implementadas. Há que resolver o mais depressa possível todas as questões militares pendentes. Há que acelerar a chegada dos capacetes azuis. Mas formulámos já o convite para que quadros da UNITA possam integrar o Governo", declarou o chefe do MPLA.

"Eu e o doutor Savimbi acordámos que o nosso próximo encontro será em Angola, e particularmente em Luanda, se houver condições para o efeito. Convidei pessoalmente o doutor Savimbi a deslocar-se a Luanda e comprometi-me a criar condições para a sua segurança", explicitou o Presidente, que no fim da intervenção foi cumprimentado e abraçado pelo adversário. Eram 14h49, em Lusaca e em Lisboa. Estava oficialmente proclamado o degelo, depois de os dois homens haverem estado mais de dois anos e meio sem se reunir.

Em menos de quatro horas

Foi em menos de quatro horas, incluindo repastos, que tudo decorreu, nesta cimeira de Lusaca que estava a ser aguardada desde o mês passado e que na quinta-feira à noite parecia em risco de não se concretizar, pois que Savimbi atrasara a chegada e José Eduardo dos Santos parecia pouco inclinado a falar com ele de igual para igual.

Segundo fontes da UNITA, o Presidente Chiluba teria querido instalar os dois visitantes no seu palácio, a State House herdada dos antigos governadores coloniais britânicos da Rodésia do Norte, ao que o chefe de Estado angolano se opusera, pelo que Savimbi foi para outra residência oficial, a Guest House.

Com o Presidente de Angola, chegaram ontem de manhã a Lusaca e partiram ao fim da tarde, o secretário do Conselho de Ministros, Carlos Feijó, o ministro sem pasta Fernando Faustino Muteka, representante do Governo na Comissão Conjunta, e um dos vice-ministros dos Negócios Estrangeiros, João Miranda, bem como o porta-voz do Futungo de Belas, Aldemiro da Conceição, que nos disse ir no próximo mês a Lisboa dar a sua solidariedade a Santana Lopes nas eleições do Sporting.

Pelo lado da UNITA, estiveram presentes o director do gabinete de acompanhamento do Protocolo de Lusaca, Jorge Valentim, o chefe da delegação à Comissão Conjunta, Isaías Samakuva, o embaixador em Washington, Jardo Muekália, Abel Chivukuvuku e Marical Dachala. ■

(Ver comentário do PÚBLICO na p. 2)

Mandela evacuado do comício do 1º de Maio em Durban

PÚBLICO, 2.5.95

A evacuação de Nelson Mandela do estádio onde fazia o seu discurso de 1 de Maio, por causa de um tiroteio que fez pelo menos um morto, tensão em Maputo, considerável visibilidade ex-comunista no Leste europeu e incidentes com a polícia em Istambul e Berlim marcaram as comemorações do Dia do Trabalhador.

Um jovem foi morto com um bala na cabeça quando um tiroteio estalou na cidadela negra de Umlazi, perto de um estádio de Durban, onde o presidente sul-africano Nelson Mandela fazia ontem o seu discurso do Dia do Trabalhador.

Aparentemente, Mandela não ouviu os tiros mas foi evacuado do local num blindado militar. "Não penso que ele se tenha assustado, mas foram disparados muitos tiros e tirámo-lo de lá num Nyala", explicou o major Robbie Cook ao jornalista da Reuter ainda no estádio de Umlazi. Interrogado sobre se Mandela correra perigo pessoal, o militar respondeu: "Eu não diria isso. Se ele se tivesse sentido ameaçado teria saído dali mais cedo. Foi a sua própria segurança pessoal que decidiu tirá-lo dali no blindado". Aparentemente, Mandela devia ter saído do estádio de helicóptero, mas o aparelho não conseguiu aterrar ali porque estavam a ser disparados muitos tiros para o ar. O presidente, agora com 76 anos, foi levado no blindado até ao aeroporto mais próximo, de onde o helicóptero o conduziu à sua residência em Durban.

A polícia disse, mais tarde, que pelo menos seis pessoas foram feridas a tiro durante e depois do comício no estádio.

Incidentes violentos opuseram partidários do ANC (no poder) e do partido nacionalista zulu Inkatha. Várias habitações foram incendiadas e a vítima mortal dos disparos foi atingida quando o presidente ainda usava da palavra.

De manhã, jovens armados do Inkatha tinham-se distribuído pelas colinas em torno do estádio onde era esperado Mandela, apesar da vigilância policial.

No seu discurso, Mandela respondeu ao ministro do Interior e chefe do Inkatha Mangosuthu Buthelezi, que recentemente pediu aos seus partidários que "resistam" ao Governo. "Sou o presidente deste país e ninguém está autorizado a combater o Governo", disse Mandela, falando a cerca de 25.000 pessoas. Foi então que se ouviram os disparos num bairro de lata perto do estádio, enquanto o presidente rematava as suas advertências dizendo-se satisfeito por "ver o povo cantar e dançar".

Tensão em Maputo

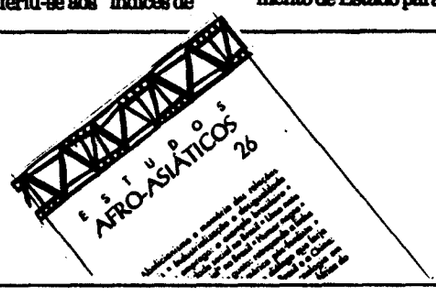
A "galopante subida do custo de vida" foi tema do tradicional comício de ontem em Maputo, com os sindicatos a ameaçarem com a greve geral e o Governo a pedir que os trabalhadores mantenham a sua confiança no executivo da Frelimo saído das eleições de Outubro passado.

O comício, precedido por um desfile, foi convocado em conjunto pela Organização dos Trabalhadores de Moçambique-Central Sindical (OTM-CS) e pelos Sindicatos Livres e Independentes (SLIM), mas nem três mil pessoas estariam presentes.

"É este o futuro melhor?", lia-se numa faixa empunhada pelos manifestantes, em pergunta dirigida ao governo da Frelimo. Mantendo a tradição dos anos de partido único, o chefe de Estado, Joaquim Chissano, presidiu ao comício na companhia do primeiro-ministro Pascoal Mocumbi e de outros membros do executivo. Na sua intervenção, o líder da OTM-CS, Soares Nhaca, referiu-se aos "índices de pobreza insuportáveis para os trabalhadores" e aos "salários irrisórios", "continuamente reduzidos pelo crescimento da inflação". Afirmou que, desde que em Moçambique foi introduzida a economia de mercado, em 1987, com o Programa de Reabilitação Económica (PRE), o salário mínimo passou de 131 dólares (19 mil escudos) para 20 dólares (2.900 escudos) em 1995. A concluir, Nhaca voltou a agitar a ameaça de greve geral.

Joaquim Chissano acabou por fazer um improviso sobre a oferta e a procura num tom neoliberal, depois do discurso mais técnico e apoiado em números do primeiro-ministro ter sido mal recebido pelos presentes no comício.

Na defensiva, Chissano sublinhou que o programa eleitoral com que a Frelimo ganhou as eleições "no essencial ainda não começou", e atribuiu a responsabilidade dos atrasos para o parlamento pluripartidário que, lembrou, ainda não aprovou o plano quinquenal do Governo e o Orçamento de Estado para 1995.



"Dos Santos é o meu Presidente!"

PÚBLICO, 7.5.95

Comentário

Jorge Heitor, em Lusaca

Ver para crer

QUEM apenas tivesse ouvido ontem as palavras de José Eduardo dos Santos e de Jonas Savimbi, fora de qualquer contexto, poderia acreditar que a pacificação de Angola era a partir de agora irreversível, não sendo já preciso sequer chegar ao fim do ano para ver a UNITA com seis ministros e três governadores de província. Mas, ao saber-se que ainda há dois dias figuras de um e outro lado se criticavam seriamente, temos razões para duvidar de tanta fartura, de tanta palavra bonita de repente dita num curto espaço de 25 minutos.

"Não se institucionaliza um encontro do chefe do Estado com o chefe da oposição. Ocasionalmente, o chefe do Estado pode receber o líder da oposição", dizia-nos ontem mesmo um vice-ministro angolano, pouco antes de o Presidente e de o chefe da UNITA terem vindo a público com a boa-nova da plena reconciliação e entendimento.

"O princípio do degelo teria sido há seis meses, se ele tivesse aparecido para assinar o Protocolo", acrescentava aquele membro do Governo, visivelmente céptico quanto à possibilidade de uma ou duas horas de conversa a alto nível colocarem definitivamente nos eixos o processo de paz. Enquanto Jorge Valentim, também interrogado sobre se iria haver reuniões periódicas entre Savimbi e o senhor do Futungo, mantinha a prudência: "Vamos falar do presente. O futuro é amanhã".

Não propriamente amanhã, mas durante a semana que hoje começa, deverá haver no Lobito a próxima reunião da Comissão Conjunta encarregada de implementar tudo aquilo que de Novembro de 1993 a Novembro de 1994 foi penosamente decidido em Lusaca. E a partir daí é que se poderá ver ao certo se uma e outra parte começam realmente a trabalhar com mais determinação no sentido de acabar de vez com o profundo sofrimento do povo angolano, que na sua maioria até nem deverá militar conscienciosamente nas fileiras do MPLA nem nas da UNITA.

O amplo acesso dos generais do regime e dos seus irmãos do Bailundo a muito material de guerra das mais diversas origens faz-nos entretanto temer que as belas palavras ontem ouvidas nos jardins da State House não sejam muito mais do que isso: apenas belas palavras para tentar limpar as lágrimas que correm pelo rosto de tantos angolanos, ao verem o seu país devastado e sem esperança de recuperação a curto prazo. ■

Unavem e Zâmbia confirmam o encontro Santos-Savimbi

Tudo a postos em Lusaca

PÚBLICO, 3.5.95

JOSÉ EDUARDO dos Santos e Jonas Savimbi vão encontrar-se de sexta-feira a domingo em Lusaca, confirmou ontem, em Luanda, à agência Lusa, o porta-voz da Unavem (Missão de Verificação da ONU em Angola), João Lins de Albuquerque.

Segundo a mesma fonte, os dois interlocutores até já estão na posse da versão final da agenda de trabalhos, "aceite por ambos", mas Lins de Albuquerque escusou-se a divulgar o seu conteúdo.

Funcionários da Unsvem já partiram para a capital da Zâmbia, para proceder aos preparativos do encontro, que Savimbi anunciou, na Costa do Marfim, para o dia 5, e que segundo aquele porta-voz deverá durar até domingo.

Antes de seguir para Lusaca, cidade onde foi assinado, em Novembro, o acordo de paz entre o Governo angolano e a UNITA, Jonas Savimbi poderá passar primeiro pela África do Sul, para se encontrar com o Presidente Nelson Mandela.

A possibilidade, admitida pelo chefe rebelde em entrevista, domingo, à rádio estatal do Togo, não estava ontem, no entanto, confirmada. Contactado pela Lusa, um responsável do ministério sul-africano dos Negócios Estrangeiros considerou a visita "muito pouco provável" devido à sobrecarregada agenda de Mandela acrescentando que Pretória nem sequer tinha sido contactada sobre assunto até ontem de manhã.

Diplomatas citados pela Lusa disseram que o responsável das Relações Externas da oposição armada angolana, Alcides Sakala, esteve agora uma semana e meia em Pretória, mas acabou por partir segunda-feira sem ter deixado o encontro definido.

As mesmas fontes disseram que terá havido

A última vez que Savimbi esteve para visitar Mandela foi em meados de 1994, mas o encontro acabou por ser cancelado pelo líder da UNITA.

uma "interferência externa" para que os dois homens não se encontrassem antes da cimeira de Lusaca, por motivos que não quiseram adiantar. Mas que poderão ser conhecidos logo que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Alfred Nzo, e o vice-Presidente, Thabo Mbaki, regressem ao país depois da viagem à Austrália e Nova Zelândia.

O porta-voz da UNITA em Bona, Ernesto Mulato, contactado telefonicamente pela Lusa, disse entretanto que Savimbi, que depois das deslocações à Costa do Marfim e ao Togo estava ontem de visita a Marrocos, poderá encontrar-se com Mandela depois da cimeira. ■

Savimbi não quer cargos

PÚBLICO, 2.5.95

O LÍDER da UNITA disse ontem que não aguarda qualquer cargo especial no futuro governo de Angola. "Não procuro um cargo", disse Jonas Savimbi, entrevistado pela rádio oficial do Togo, país a que se encontra de visita. "Quero um papel que assegure o futuro aos que me seguiram", acrescentou.

O líder da oposição armada angolana anunciou sábado em Yamussukro, capital administrativa da Costa do Marfim, que se encontrará sexta-feira, em Lusaca, Zâmbia, com o Presidente angolano José Eduardo dos Santos.

"Depois de 30 anos de guerra, acho que chegou a hora para ambos assumirmos as nossas responsabilidades", disse ainda Savimbi ao periódico togolês.

O Governo angolano e a UNITA assinaram a paz em Novembro, mas desde então acusam-se mutuamente de repetidas violações do acordo adiando a chegada dos 7600 capacetes azuis da ONU que deverão supervisar o processo de paz. ■

SAVIMBI ESTÁ EM MARROCOS — O Presidente da UNITA, Jonas Savimbi, encontra-se em Marrocos, depois de no domingo ter sido recebido no Togo pelo chefe de Estado togolês, general Gnassingbé Eyadema, disse ontem à tarde ao PÚBLICO um elemento da representação daquele partido na Costa do Marfim, Virgílio Samakuva, contactado telefonicamente em Abidjan. Há três dias, em Yamoussoukro, onde esteve em diálogo com as autoridades marfinenses, Savimbi previra para sexta-feira, 5 de Maio, o desde há muito aguardado encontro com o Presidente angolano, Eduardo dos Santos. Entretanto, ainda não foi possível acertar uma data para a sua prevista deslocação à África do Sul, que durante a última semana acabou por ser uma vez mais adiada, apesar de o chefe das relações exteriores da UNITA, Alcides Sakala, ter passado mais de sete dias em Pretória, a tratar dos preparativos. Zaire, Costa do Marfim, Togo e Marrocos foram os países durante estas últimas três semanas visitados por Savimbi, depois de largos meses de permanência exclusiva nas terras do Planalto Central de Angola. E o líder do Galo Negro acabou por dizer, durante a sua estada de há dias na África Ocidental, que só deverá vir agora conferenciar com o Presidente Nelson Mandela depois da cimeira de Lusaca.

Do nosso enviado Jorge Heitor, em Joanesburgo

PÚBLICO, 2.5.95

Estatuto VIP para Dhlakhama

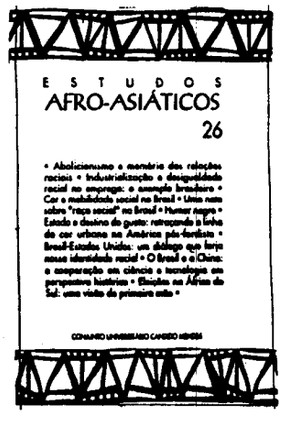
PÚBLICO, 2.5.95

O PRESIDENTE de Moçambique, Joaquim Chissano, atribuiu um "estatuto especial" a Afonso Dhlakhama, líder da Renamo, o segundo partido mais votado nas primeiras eleições multipartidárias de Moçambique, em Outubro de 1994, noticiou ontem o semanário "Domingo".

Segundo a mesma fonte, o antigo líder rebelde passará a gozar de um "tratamento distinto" em termos protocolares e de um salário de quase 10 milhões de meticais (cerca de 192 mil escudos).

Dhlakhama terá ainda direito a "uma casa condigna", viatura, passaporte diplomático e assistência médica gratuita entre outras regalias concedidas pelo Governo e que serão publicadas brevemente no "Boletim da República", segundo a mesma fonte.

O ex-líder da Renamo confirmou ao "Domingo" a atribuição do estatuto indicando que lhe teria sido transmitido pelo Presidente Chissano durante um encontro entre ambos há duas semanas. ■



ÁFRICA DO SUL: UM ANO DEPOIS

Na fronteira de Gauteng com o Orange

Memória dos anos de brasa

PÚBLICO, 4.5.95

Do nosso enviado
Jorge Heitor
em Sharpeville

Os homens e as mulheres que cresceram durante os anos mais duros da luta contra o "apartheid" começam a perceber que não basta ter um Presidente negro e ir aos mesmos estabelecimentos que os brancos para viver bastante melhor do que no passado. Acreditam que os seus filhos irão talvez ter melhores oportunidades de trabalho, mas por enquanto é ainda um tempo arrastado de expectativa.

"Éramos milhares a cercar a esquadra. Não tínhamos armas, mas a polícia entrou em pânico e começou a disparar, matando muitas dezenas dos meus vizinhos e amigos", contou-nos Peter Nokwe, de 55 anos, ao evocar o que na manhã de 21 de Março de 1960 aconteceu na localidade negra de Sharpeville, junto à zona industrial de Vanderbijlpark, por onde passa hoje a fronteira da nova província sul-africana de Gauteng com o Estado Livre de Orange.

"Éramos milhares e fugimos, quando começaram a disparar, mas eles não pararam. Naquele tempo reprimiam de forma violenta todas as nossas manifestações contra as leis que nos obrigavam a usar um passe, um bilhete de identidade de negro, sem acesso às zonas brancas, a não ser durante as horas em que lá fossemos trabalhar, recordou Peter, que continua a viver nesta "township", pois que em muitos aspectos o "apartheid" ainda só acabou nas leis e não em todas as práticas do quotidiano.

"Tornámo-nos homens na esperança de que um dia já não haveria mais passes, nem townships, de que um dia já não haveria mais brancos a mandar nos negros, de que um dia seríamos felizes; mas muitas das nossas esperanças têm de ficar para os nossos filhos, pois que nem tudo foi possível no tempo de uma geração", disse o nosso interlocutor, enfermeiro que durante muito tempo hesitou entre seguir o ANC ou um grupo mais à esquerda, o PAC.

"Camionetas carregadas de caixões pararam junto a uma fila enorme de covas abertas num grande descampado. E foi depois disso que o ANC decidiu resistir de forma violenta às práticas do 'apartheid', tendo o camarada Mandela ido parar à cadeia", explicou por seu turno a mulher de Peter, Eve, que trabalha como assistente social.

Trabalho a menos armas a mais

Um dos filhos do casal, Paul, trabalha uma centena de quilómetros a sul, nas terras do Estado de Orange, uma das nove províncias da África do Sul, onde portugueses e afrikaners cultivam hortaliças e outros produtos que colocam em grandes cadeias de armazéns espalhados por todo o país.

"As coisas estão a correr melhor do que chegámos a recear, mas mesmo assim o negro já não trabalha tanto como antigamente, vem com reivindicações e coisas do género", desabafa José Gomes Camacho que há 30 anos veio da Madeira e nos convida a visitar a sua quinta em Bainsolei.

"O pior aqui são as geadas e as grandes tempestades de granizo, que nos destroem tudo, quando nas noites de Inverno as temperaturas chegam aos 12 graus negativos", contou Camacho, revelando um aspecto da realidade sul-africana muito pouco conhecida na Europa. Nesta altura do ano estamos aqui, no hemisfério austral, em pleno Outono, com temperaturas de 13 e 15 graus, que dentro de três meses, já no Inverno africano, descerão em algumas zonas a zero e a menos graus.

Para Peter, Eve e Paul, o pior de tudo é que tanta gente na África do Sul ainda não tenha um trabalho regular e que haja tanta arma nas "townships", tanta AK-47 que de vez em quando faz vítimas em Tokoza, Kathlehong e outras localidades de nomes sinistros, que evocam rios de sangue corridos ao longo dos anos. Se dantes era na repressão policial, agora é na luta entre simpatizantes de diferentes partidos e até mesmo pura e simplesmente entre "gangs".

"Por que é que não fazem mais fábricas? Por que é que não nos arranjam trabalho? Por que é que deixam vir para aqui tantos estrangeiros, do Zaire, de Moçambique, de todo o lado?", perguntou-nos Kathy Dalyndiebo, uma rapariga xhosa de 19 anos, que assava frangos num dos mercados públicos de Sharpeville.

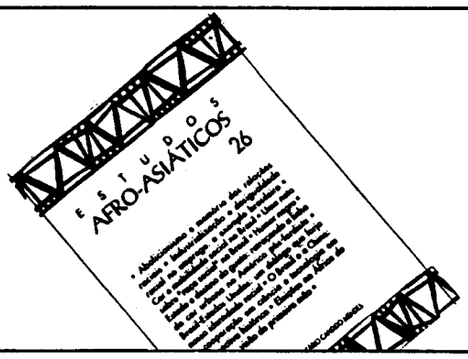
"Será mesmo necessário ir para os bares de Durban?", acrescentou a jovem numa aparente referência aos caminhos da prostituição que tantas levam, dirigindo-se ao principal dos centros balneares sul-africanos, nos arredores do qual se verificaram ontem incidentes que levaram o Presidente Mandela a sair num helicóptero do estádio de Umlazi.

"Queremos que os partidos cumpram as promessas que fizeram antes das eleições. Queremos que as townships não sejam tão diferentes, tão pobres, em relação às cidades onde vivem essencialmente os brancos. Durante mais de 70 anos os nossos pais e avós acreditaram no ANC, não queremos ser nós a deixar de acreditar", disse-nos Rudy Mhlaba, que por vezes ganha algum dinheiro a lavar carros em Vanderbijlpark ou em Verreenigin, ali a uns quantos quilómetros de Sharpeville.

"Evidentemente que a maior parte dos negros não aceita a velha palavra de ordem do PAC de que deveria haver uma bala para cada branco, mas que as coisas continuam a não ir lá muito bem também é uma verdade. A luta dos nossos velhos foi contra o 'apartheid'; e a nossa terá de ser contra a perpetuação da pobreza", resumiu Moses Poloi, de 23 anos, professor primário. ■

BUTROS-GHALI AMEAÇA INTERROMPER ENVIO DE CAPACETES AZUIS PARA ANGOLA — O secretário-geral da ONU, Butros-Ghali ameaçou ontem atrasar ou interromper o envio dos "capacetes azuis" para Angola. No relatório ao Conselho de Segurança, Ghali afirma que não hesitará em recomendar o atraso ou interrupção do envio das tropas caso as partes "não cumpram com os compromissos assumidos ao abrigo do Protocolo de Lusaca e com as relevantes resoluções" da ONU. Isto porque apesar de reconhecer que há uma "marcada melhoria no clima político", o secretário-geral considera que esses desenvolvimentos carecem de consolidação. Para isso deposita confiança na cimeira entre o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, e o líder da UNITA, Jonas Savimbi.

PÚBLICO, 4.5.95



ÁFRICA DO SUL: UM ANO DEPOIS

Um breve salto à pacatez do Noroeste sul-africano

Por entre boers e tswanas

PÚBLICO, 4.5.95

Do nosso enviado
Jorge Heitor,
em Potchefstroom

Aquela que, em 1853, foi a primeira capital de um território denominado República Sul-Africana é hoje em dia uma pacata cidade de província, com a sua Universidade, onde se licenciou Frederik de Klerk. Tão pacata e limpa que nos faz lembrar Vlissingen ou outros tranquilos burgos da Holanda.

Nem um papel pelo chão, nem uma moto de escape aberto, nem uma ruidosa instalação sonora. Nada disso tem Potchefstroom, a cidadezinha que os ingleses reconheceram em 1852 como capital de um Estado boer independente, o Transvaal, que, no ano seguinte, passaria a chamar-se República Sul-Africana, a primeira entidade cujo nome é precursor da actual África do Sul.

O edifício da Câmara Municipal e uma velha locomotiva conservada como relíquia são a memória desse glorioso século XIX, em que uns quantos milhares de boers, sob o comando de homens como Andries Pretorius, cujo nome ficou perpetuado na designação da capital, lançaram as raízes de uma forte comunidade que viria a criar a sua própria língua, a partir do antigo holandês.

Uma exposição-venda ao ar livre de carros antigos, viaturas de há mais de 20 anos, contribuía, no dia em que o PÚBLICO ali esteve, para dar à cidade o ar de algo perdido no tempo, tão agradavelmente distante do clima por vezes tenso de Joanesburgo, que fica a 130 quilómetros. Foi na universidade local que Frederik de Klerk se licenciou em Direito, em 1958.

Potchefstroom não é muito diferente de Vlissingen, Middelburgo ou outras pequenas cidades da Holanda, de onde há três séculos vieram muitos dos antepassados dos actuais afrikaners (ou "boers", fazendeiros). Pela nova divisão administrativa, feita no ano passado, fica na província do Noroeste, cuja capital é Mmabatho, junto à fronteira com o Botswana, e cuja população, de pouco mais de 3,5 milhões de habitantes, fala predominantemente setswana.

Onde foi um bantustão

O Noroeste, que é maior do que Portugal, combina curiosamente esta forte herança boer com o facto de ter incorporado, em 1994, na véspera das primeiras eleições universais, um dos antigos bantustões, o Bophuthatswana. É que, apesar de, tal como os restantes bantustões, este já não ter existência legal, ainda se perpetua um pouco nas práticas do quotidiano.

Aliás, todas as nove províncias da actual África do Sul conseguem mostrar, umas mais do que outras, a extrema diversidade de culturas e de realidades sociais de que é feita esta República. Poderia ser um paraíso, não fosse o excepcional índice de desemprego e a consequente criminalidade que prolifera em algumas zonas, que não em todas.

Para além da pacatez das pequenas cidades brancas, que incluem Klerksdorp, onde De Klerk começou a exercer advocacia em 1959, ano do casamento com uma colega de curso, Marike Willemse, e Ventersdorp, o baluarte do extremista Eugène Terre'Blanche, o Noroeste tem zonas rurais onde mais de metade da população negra ainda carece de água canalizada e de instalações sanitárias. E é também aqui que Sun City e Lost City, que parecem desafiar Las Vegas, com os seus hotéis de luxo e casinos, constituem autênticas incongruências, situadas como estão quase paredes meias com aldeias onde ainda nem sequer chegou a energia eléctrica.

Fred, o velho mineiro

Personagem curiosa neste país em mudança é, por exemplo, Fred Havenga, um velho mineiro adoentado, com algo de sábio ou, pelo menos, com uma grande capacidade de adaptação: "Uns vêm, outros vão. Quando eu nasci, era Jan Smuts que estava no Governo; depois, veio o Partido Nacional; agora, o ANC. Amanhã será outra coisa e uma pessoa tem de se habituar a tudo."

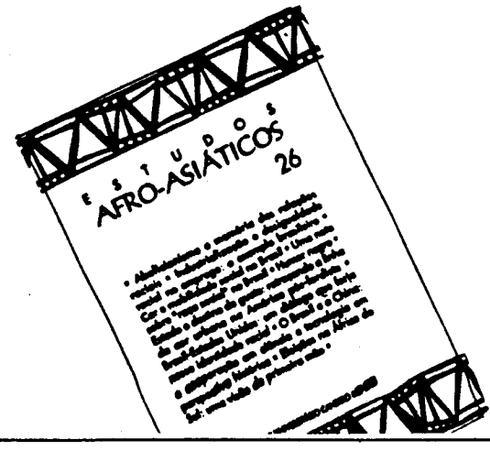
"Todos temos as nossas divergências, os nossos hábitos e, no fim, é necessário que nos adaptemos uns aos outros. Eu, afrikaner, vivo agora com uma inglesa que tem uma maneira de educar os filhos e de cozinhar diferente daquela a que eu estava habituado. Durante o dia, chegamos a discutir, mas, à noite, lá nos entendemos", explicou-se este boer das classes trabalhadoras que faz os possíveis por se integrar no novo mundo que vai nascendo.

"Os afrikaners também nunca se entenderam muito entre si. Por isso é que uns estão no Partido Nacional, outros na Frente da Liberdade e outros ainda nos pequenos grupos, como o AWB e os Lobos Brancos. E o mesmo se pode dizer dos negros, pois a violência entre eles já causou muitas mortes", prosseguiu Fred, numa espécie de lamento por não haver mais compromisso entre todos os seus compatriotas, brancos e negros.

"Mandela tem feito um bom trabalho, mas o que virá a seguir só Deus dirá!", resumiu um dos muitos brancos da África do Sul que estão a aceitar o pós-'apartheid' de uma forma muito mais pragmática do que ainda há pouco mais de um ano se admitia no estrangeiro.

O elogio ao Presidente da República é uma constante em quase todas as pessoas com quem se fala neste país, sejam elas afrikaners, tswanas, xhosas ou portuguesas. Apesar de uma ou outra crítica pontual a algumas das suas posições, como quando, na semana passada, decretou uma larga amnistia, trazendo mais depressa para a rua alguns milhares de criminosos, a juntar aos tantos que todos os dias matam e roubam nas áreas de Joanesburgo, Durban e Cabo, entre outras. O assalto a pessoas e bens transformou-se nos últimos anos na grande nódoa da sociedade sul-africana. O lado mais aflitivo da liberdade. ■

FRELIMO NA IS — A Frelimo-Frente de Libertação de Moçambique foi admitida na Internacional Socialista (IS) com o estatuto de observador. A decisão, tomada na terça-feira passada na reunião em Londres do Comité de Administração e Finanças da IS, será formalizada na reunião do conselho na África do Sul que está agendada para os dias 8 a 10 de Julho. A Frelimo passa a ser, com o PAICV, de Cabo Verde, o segundo partido dos PALOP (países africanos de língua oficial portuguesa) membro daquela organização. PÚBLICO, 5.5.95



O peso da comunidade judaica

PÚBLICO, 4.5.95

"OS JUDEUS têm na África do Sul um peso económico, político e cultural muito superior ao da sua proporção numérica, pois não chegam de forma alguma a um por cento da população. São uma comunidade muito activa e de muito peso, apesar de, nestes últimos anos, terem passado de 120 mil para pouco mais de 90 mil", disse ao PÚBLICO um elemento desse mesmo grupo, Herbert Lang, de 67 anos, que tem uma loja de empadas na Green Hill Road, em Joanesburgo.

"Os meus pais vieram para aqui muito pequenos, logo no início do século, devido aos problemas na Lituânia. Cá se conheceram e casaram. Ele era carniceiro. Eu comecei a trabalhar aos 16 anos no negócio do vestuário, primeiro como empregado e depois na minha própria empresa. Estive 47 anos nesse ramo, até que o meu sócio apostou tudo nas corridas de cavalos e a firma foi à falência. Reformei-me dos têxteis e vim para os salgados. Tenho seis filhos e três netos." Assim se apresentou Herbert, filho de Sender e de Fanny, judeu ortodoxo da corrente Misnagdim.

"Sempre tive uma vida muito boa. A vida sempre foi boa na África do Sul, em particular para os brancos. Os judeus apenas tiveram alguns problemas durante a II Guerra Mundial, pelo que, aos 16, 17 anos, eu andava muito activo no movimento sionista, a combater o anti-semitismo então existente entre certas figuras do Partido Nacional, como Hendrick Verwoerd, que foi ministro dos Assuntos Nativos e, mais tarde, primeiro-ministro", contou este homem pequenino e de barba forte, que, nos últimos anos, se virou intensamente para a religião e vai todos os dia à sinagoga.

"Os judeus estão na indústria mineira, nos diamantes, no vestuário, na medicina, na contabilidade e na advocacia. Neste último século, já houve 19 judeus a presidir à Câmara Municipal de Joanesburgo. E, em Durban, onde está agora a exposição internacional sobre a vida de Ann Franck, o presidente da Câmara também é judeu. Temos tido muitos deputados e até chegou a haver dois ministros", acrescentou alguém que se orgulha de ser simultaneamente judeu e sul-africano.

"Em termos gerais, a comunidade judaica dá-se muito bem com a direcção do ANC, mas alguns negros da rua é que não vêem com muito bons olhos que tenhamos as nossas casas, as nossas lojas, os nossos carros, que vivamos como deve ser. A curto prazo vamos ter problemas neste país, principalmente por causa da falta de empregos. Mas estou em crer que daqui a 20 anos já teremos conseguido construir uma sociedade vibrante, como Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul, territórios que recordo ter visto extremamente pobres, durante as minhas viagens de negócios há umas décadas", profetizou Herbert Lang.

De acordo com ele, os judeus dos 30 aos 50 anos são os que mais têm partido da África do Sul, devido aos ataques de que por vezes são alvo, devido à violência que campeia na região de Joanesburgo, onde estão instalados quase dois terços da comunidade, devido aos assaltos a carros e a estabelecimentos: "Estamos perante uma sociedade muitíssimo violenta."

Herbert, porém, com 67 anos de vida sempre na cidade que se ergueu por entre as minas de oiro, não pensa emigrar para lado nenhum. Nem sequer para Israel, "que está a progredir muito, com o apoio dos judeus que saíram da Rússia". Alega que judeus e árabes coexistiram durante séculos no Médio Oriente, "até que o advento do petróleo criou as fricções". E conta que ele próprio se dá muito bem com muitos muçulmanos da África do Sul, que se dedicam bastante aos negócios. ■

Jorge Heitor, em Joanesburgo

cronologia

20 anos de guerras

PÚBLICO, 5.5.95

- **Verão de 1974** — Portugal reconhece o direito de Angola à independência.
- **15 de Janeiro de 1975** — O MPLA, a UNITA e a FNLA assinam com Portugal o acordo do Alvor, pelo qual compartilham um governo de transição.
- **29 de Agosto** — Malogra-se o governo de transição.
- **11 de Novembro** — As últimas forças portuguesas retiram-se de Luanda, onde o MPLA proclama unilateralmente a independência e o seu líder, Agostinho Neto, assume a Presidência. A UNITA faz do Huambo a sua capital.
- **1976** — O MPLA, com o apoio de tropas cubanas, esmaga a guerrilha da FNLA, de Holden Roberto, e afasta a UNITA, que tentara aproximar-se de Luanda, ajudada por tropas sul-africanas.
- **1979** — Agostinho Neto morre num hospital de Moscovo e é substituído pelo ministro do Plano, o engenheiro de petróleos José Eduardo dos Santos.
- **1987** — Tropas sul-africanas voltam a entrar em Angola, no Sueste do país, para combater, nas terras do Cuando-Cubango ou do Fim do Mundo, uma ofensiva do MPLA e dos cubanos contra a UNITA.
- **Agosto de 1988** — Os sul-africanos retiram-se de Angola, após mediação norte-americana.
- **Dezembro** — Angola, a África do Sul e Cuba assinam um acordo que liga a independência da Namíbia (até aí administrada pelos sul-africanos) à retirada dos 50 mil soldados cubanos que se encontravam em solo angolano.
- **22 de Junho de 1989** — Numa cimeira africana, realizada em Gbadolite, a terra natal do Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi aceitam um cessar-fogo, que se malogra, em Agosto.
- **28 de Abril de 1990** — Portugal anuncia os primeiros contactos directos, ainda exploratórios, entre a UNITA e o MPLA, realizados numa herdade do distrito de Évora.
- **26 de Outubro** — O Comité Central do MPLA aprova o estabelecimento da democracia multipartidária, depois de 15 anos de regime de partido único.
- **28 de Abril de 1991** — O MPLA troca o marxismo-leninismo pela social-democracia, a fim de se preparar para a realização de eleições gerais.
- **1 de Maio** — O MPLA e a UNITA concluem as conversações na escola hoteleira de Bicesse, junto ao Estoril, em Portugal, marcando o cessar-fogo para daí a 15 dias e eleições no segundo semestre de 1992.
- **31 de Maio** — José Eduardo dos Santos e Jonas Malheiro Savimbi assinam o acordo de paz em Lisboa, tendo entre eles o primeiro-ministro português, Aníbal Cavaco Silva.
- **29 e 30 de Setembro de 1992** — Os angola-
- **6 de Outubro** — A UNITA retira-se das Forças Armadas unificadas e acusa o Governo de fraude eleitoral.
- **17 de Outubro** — Conhecidos os resultados, o MPLA obteve 53,7 por cento nas legislativas e a UNITA 34,1 por cento, enquanto nas nos votam pela primeira vez, em eleições pluripartidárias e fiscalizadas pela ONU, a fim de escolher um Presidente e um Parlamento. presidenciais José Eduardo dos Santos conseguiu 49,6 e Savimbi 40,1, tornando-se necessária uma segunda volta. A ONU considera que as eleições foram, de um modo geral, livres e justas.
- **Outubro-Novembro** — A luta reacende-se em vários pontos do país. Em Luanda, centenas de pessoas são mortas, incluindo o vice-presidente da UNITA, Jeremias Chitunda.
- **Janeiro de 1993** — Ofensiva do MPLA contra a UNITA nas principais cidades. A guerra arrasta-se ao longo do ano e os homens de Savimbi conquistam o Huambo.
- **Novembro** — Começam as conversações de paz em Lusaca, depois de terem falhado tentativas anteriores em Adis Abeba e em Abidjã.
- **18 de Outubro de 1994** — O medianeiro das Nações Unidas, Alioune Blondin Beye, anuncia que já se chegou a acordo de princípio entre o Governo angolano e a UNITA para acabar com a guerra civil.
- **31 de Outubro** — Rubrica do protocolo das conversações de Lusaca.
- **2 de Fevereiro de 1995** — reunião dos chefes militares de Luanda e da UNITA, em Waco Kungo, acorda na separação das forças e na aplicação do cessar-fogo.
- **8 de Fevereiro** — O Conselho de Segurança da ONU aprova o envio de capacetes azuis para Angola (UNAVEM III)
- **12 de Fevereiro** — Congresso da UNITA no Bailundo aprova, com algumas reticências, o processo de paz.
- **5 de Maio** — Início da cimeira entre José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, em Lusaca. ■

Um novo mapa cor-de-rosa?

Carlos Pacheco*

PÚBLICO, 5.5.95

Ultimamente o PÚBLICO (de forma exemplar, como raro acontece na imprensa portuguesa) tentou fazer um diagnóstico sobre o que foram as duas décadas de independência das antigas colónias portuguesas. Em análise, esteve a questão de saber se o saldo terá sido positivo ou negativo.

Sem dúvida que a emancipação política em si configura um facto positivo e incontroverso. No que se refere, por exemplo, a Angola, desde finais do séc. XIX que o ideal independentista se inscrevia no imaginário dos naturais pertencentes aos núcleos demográficos de Luanda, Benguela, Novo Redondo, Moçâmedes e respectivos hinterlands, destacando-se, a propósito, os apelos feitos na imprensa local pelos seus escritores. No entanto, hoje os angolanos sentem que a sua independência é uma espécie de fruto envenenado. Porquê?

Em primeiro lugar, por causa das ingerências estrangeiras. Em 1974, com a instalação em Luanda dos três movimentos de libertação, os quais de imediato deram lugar a conflitos de toda a ordem, tornou-se perceptível que nas várias chancelarias do mundo se teciam manejos políticos, militares e diplomáticos que iriam submergir Angola no pesadelo de uma guerra talvez mais prolongada (e cruenta) do que aquela que tivera sob o domínio colonial. Em rota de colisão perfilavam-se poderosos grupos económicos capitalistas (entre os quais as maiores empresas petrolíferas americanas) contra o complexo militar-industrial da União Soviética, que há muito tinha as vistas cravadas nas riquezas incomensuráveis da África Austral.

Mas o fatídico historial de ingerências não começaria somente naquele ano. Vinha de 1960, quando as duas maiores forças nacionalistas de então, MPLA e UPA, se revelavam incapazes de chegar a um acordo no sentido de trabalharem em comum. A cooperação ou a coligação que teriam sido desejáveis para a construção de uma diferente perspectiva do movimento libertário, sem as clivagens e antagonismos que vieram mais tarde a ser catastróficos para Angola, esbarravam, no fundo, num grande obstáculo: de um lado a UPA que não queria perder as ajudas, sobretudo dos Estados Unidos e dos países africanos moderados, e, do outro, o MPLA, com Mário Pinto de Andrade, que não queria perder as simpatias de Pequim. De par com isto, Portugal ia jogando também a sua cartada na aposta de dividir forças, ora atraindo com promessas o MDIA (grupo de Pierre Mbala, dissidente da UPA), ora a NGWIZAKO (grupo católico de S. Salvador, que pretendia restaurar o antigo reino do Congo), ou ainda a NTO-ABAKO (dissidente da ABAKO), a que se juntava a colaboração do presidente Kasavubu da República do Congo, que passou a reprimir no seu território as guerrilhas da UPA depois do assassinato de Patrice Lumumba.

De então para cá, mesmo depois do aparecimento da UNITA e dos apoios que esta passou a ter da China, acabando o MPLA por se virar para Moscovo (que procurou contrabalançar os efeitos daquela ajuda ao movimento de Jonas Savimbi), as coisas pioraram ainda mais. Alvor, para os observadores mais atentos, seria o primeiro sinal inequívoco de como Angola se achava literalmente transformada numa placa de disputa entre as grandes potências, sempre interessadas em alimentar velhas dissenções entre os movimentos de libertação. Estava-se no auge da guerra fria.

Resultado: perante a impotência de Portugal para controlar fosse o que fosse, a descolonização teve o desfecho que se sabe — Angola transformada num vasto campo de batalha, onde exércitos estrangeiros, por procuração, se digladiavam, secundando os seus parceiros angolanos. Paralelamente, e em condições estranhíssimas, ocorria a debandada dos portugueses (fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos, industriais, etc.), de que resultou em pouco tempo a desarticulação completa das estruturas económicas do novo Estado independente.

Contudo, tempos mais terríveis se avizinhavam com o fim da bipolarização Leste-Oeste. A partir de 1991, as interferências em Angola aumentariam de importância. Prova disso são os famigerados acordos de Bicesse e Lusaca, que reeditaram os mesmos erros de Alvor e obrigaram as partes beligerantes (MPLA e UNITA) a aceitar uma solução que, qual panaceia mágica, se distancia enormemente dos magnos (e reais) problemas que se colocam aos angolanos. No limite, a solução (em nome da reconciliação nacional) traduzir-se-ia na aplicação de um modelo de democracia parlamentar que a Europa e os Estados Unidos tanto prezam exportar. Mas, afinal, essa democracia não será boa para os africanos?, perguntar-se-á.

Tratando-se eventualmente de um bom modelo para europeus e americanos, decerto não o será para os outros, por se tratar de um sistema incompatível com as particularidades muito próprias das sociedades africanas. Aliás, esta é uma questão que hoje não oferece dúvidas a muitos estudiosos das realidades africanas, incluindo intelectuais daquele continente. Só os "fazedores" de acordos se recusam a ouvir falar disto. Daí a falência de todo este "processo de paz".

Um exemplo: Angola reparte-se por um mosaico de povos distintos entre si étnica e culturalmente, sendo que os seus processos históricos se desenvolveram, praticamente sem interrupção e de forma autónoma, durante séculos, até à Conferência de Berlim. A chamada "soberania colonial portuguesa", circunscrita até então ao litoral e a umas escassas centenas de milhas para o interior, pouco (ou nada) afectava esses povos do vasto sertão que, longe de viverem sujeitos à Coroa portuguesa, desfrutavam de limites de jurisdição territorial próprios. Assim, o trânsito entre o litoral e o interior fazia-se, em muitos casos, à custa do pagamento de portagens, que os potentados não avassalados cobravam. Só entrava nessas

Continua na pág. 8

FERNANDO VELUDO

Pretender resolver ou passar em silêncio todos estes complexos históricos a preço de uma qualquer solução imediatista, ou em nome de modelos estranhos à África, é no mínimo leviano e suspeito da parte de quem, como os Estados Unidos e outros países, se diz interessado na paz. Será que, depois de instalado o caos total em África, se pretende restaurar, embora em novos moldes, o Mapa Cor-de-Rosa?

Cimeira angolana realiza-se finalmente hoje em Lusaca

Ninguém acredita em milagres

PÚBLICO, *5.5.95*

Do nosso enviado
Jorge Heitor,
em Lusaca

Depois das falsas expectativas que se tinham concentrado no dia de ontem, hoje é que vai ser finalmente a tão esperada cimeira angolana em Lusaca. Mas, apesar de algumas declarações tranquilizantes pelo meio, ninguém acredita verdadeiramente em milagres no que diz respeito a um perfeito entendimento entre os homens de Luanda e os da UNITA.

Salva "in extremis" pelo trabalho do medianeiro e dos observadores, a primeira reunião que o Presidente José Eduardo dos Santos e o líder da UNITA efectuam desde 25 de Setembro de 1991 vai ser finalmente hoje, na capital zambiana, onde o grosso da informação portuguesa se encontra representado, a par da angolana e de alguns órgãos de outros países.

No entanto, os acontecimentos dos últimos dias nada prenunciam de bom a esta ocasião, que poderá ser apenas a oportunidade para algumas boas fotos dos irmãos desavindos, sem que a desavença fique completamente esquecida e ultrapassada de uma semana para a outra.

Ao saber na quinta-feira que Jonas Savimbi ainda não se encontrava em Lusaca, o Presidente da República de Angola decidiu suspender a sua vinda, não fosse outra vez ficar "pendurado" como acontecera em Novembro do ano passado, quando o líder da UNITA não apareceu para assinar o protocolo da paz. E tudo parecia nessa noite perdido, até porque o representante da ONU, Alioune Blondine Beye, também ainda não comparecera na cidade prevista para o encontro, nem sequer o anunciara oficialmente.

Beye entrou apenas no Ho-

Continua na pág. 9

Continuação da pág. anterior

Um novo mapa cor-de-rosa?

terras independentes quem esses potentados deixavam. Por outro lado, tais povos habituaram-se desde sempre a estabelecer livremente as alianças que mais lhes convinham, mesmo se se tratasse de alianças com europeus. Apenas a partir de 1885 se alterou radicalmente esta situação histórica. Por pressões internacionais, Portugal ver-se-ia obrigado a alargar a sua soberania a todo o território e ao fazê-lo, através de guerras que duraram até ao primeiro quartel do séc. XX, impôs a esses povos uma uniformidade de hábitos e costumes que lhes foi minando os padrões próprios de cultura e civilização. Todavia, esta uniformização acabaria por não resistir aos abalos sobrevindos com a independência.

Numa palavra: ao aceder a um novo quadro sociológico e cultural de relacionamento entre os seus povos, livre dos espartilhos do colonizador, Angola cedo se confrontou com novos problemas de adaptação, que a guerra, entretanto, foi agravando. No interior desses povos, a pouco e pouco surgiriam gérmens de nacionalismo baseados em velhas heranças etnoculturais, que fazem actualmente de Angola um país à procura da sua identidade e que é preciso estudar atentamente. A guerra, no fundo, não obstante as interferências externas, remete-nos para o velho conflito histórico que no passado separou a sociedade urbana do litoral das restantes sociedades tradicionais, quer do Planalto Central, quer do Norte, e assim por diante.

Por conseguinte, pretender resolver ou passar em silêncio todos estes complexos históricos a preço de uma qualquer solução imediatista, ou em nome de modelos estranhos à África, é no mínimo leviano e suspeito da parte de quem, como os Estados Unidos e outros países, se diz interessado na paz. Será que, depois de instalado o caos total em África, se pretende restaurar, embora em novos moldes, o Mapa Cor-de-Rosa?

Mas o fruto envenenado da independência viria também do tipo de colonização que Angola teve. E esta, no seu cômputo, redundou numa verdadeira tragédia. Tragédia que, a rigor, se explica para lá do tráfico de escravos, sendo as suas causas, em minha opinião, bem mais complexas. O seu início remonta ao tempo da monarquia parlamentar em Portugal.

Antes do vintismo, Angola viveu praticamente sob a influência do Brasil. Mostram as fontes documentais que esta influência permitiu que em Angola, pelo menos desde a segunda metade do séc. XVIII, viesse a despontar e a crescer uma poderosa aristocracia nativa. Ela própria, sem dúvida, subsidiária dos interesses da burguesia brasileira. No entanto, Portugal, em meados do séc. XIX, encarregar-se-ia de neutralizar e, paulatinamente, aniquilar essa emergente "burguesia" angolana em nome de uma nova colonização. Era o princípio da estratégia de penetração em África de capitais financeiros sustentados pelo Banco de Portugal e representados por grandes empresas, cujos sócios maioritários detinham o comando das associações mercantis de Lisboa e Porto.

Não seria, pois, necessário chegar ao Estado Novo para se assistir ao perecimento dessa aristocracia. A 1ª República chamou a si esse papel, limitando-se o Estado salazarista simplesmente a tocar a dobre de finados sobre uma sociedade que já tinha sido despojada do seu melhor e estava moribunda.

Paralelamente com isto, veja-se ainda o que aconteceu com o ensino outrora ministrado nos estabelecimentos da Igreja Católica e que preparou um escol de gerações sucessivas de nativos para a vida civil. Lentamente, esse ensino (depois do primeiro decénio deste século) tornar-se-ia restrito a estudantes europeus, o mesmo sucedendo com o primeiro liceu criado em Luanda nos anos 20. Apenas as missões protestantes se preocuparam em investir na escolaridade dos angolanos e é graças a elas que alguns indivíduos conseguiram passaporte para estudar no exterior.

Deste modo, quando se chega à independência, Angola não possuía sequer uma elite económica nativa e tão-pouco uma elite cultural alargada. A bem dizer, só lhe restava o analfabetismo. Foi com esta negra herança que o MPLA passou a governar o Estado.

Alguns leitores estarão já a objectar que, apesar de tudo, o novo Estado independente não está, também ele, isento de responsabilidades, na medida em que malbaratou recursos humanos disponíveis, em primazia de gente absolutamente impreparada, cujo único "mérito" era a fidelidade ao regime político. Estou de acordo e acrescentaria que este foi, talvez, um dos efeitos mais nefastos destes 20 anos.

Na verdade, em nome de uma ideologia política quantos e quantos cérebros válidos foram ora perseguidos, ora afastados por razões jamais apuradas. Isto, e a incapacidade que houve desde o início por parte dos movimentos de libertação de dialogarem com os chamados "núcleos políticos internos" que nas cidades (clandestinamente) lutaram contra o colonizador. Muitos desses núcleos acabaram esquecidos. Com o MPLA este fenómeno foi flagrante.

Outro facto de consequências ruinosas foi ter-se promovido a fuga dos agentes económicos portugueses, cuja permanência no país se tornava historicamente imperativa, a exemplo do que aconteceu com a comunidade branca no Zimbabwe, Namíbia e África do Sul. O diálogo com esses agentes deveria ter começado a fazer-se nos finais dos anos 60, com tempo. Não será que também aí andou dedo estrangeiro a impedi-lo? ■

* historiador angolano

Continuação da pág. anterior

Ninguém acredita em milagres

tel Intercontinental à 1h45 da manhã de ontem, visivelmente tenso, e sem fazer qualquer declaração aos jornalistas que o aguardavam há já muitas horas. Pouco depois, o representante de Angola nos Estados Unidos, José Patrício, fazia à "Voz da América" declarações particularmente críticas em relação à UNITA, dando claramente a entender que todo o entendimento ficava em suspenso até melhor oportunidade. Mas ao princípio do dia Savimbi chegou finalmente a Lusaca e a meio da manhã o ambiente viria a desanuviar-se, com a indicação de que alguma coisa poderia ainda ser salva; pelo menos as aparências.

O "charme" do Galo

Impecavelmente vestidos, e com o Galo Negro na lapela, três destacados quadros da UNITA, Abel Chivukuvuku, Jardo Muekália e Marcial Dachala, deslocaram-se pelas 10h30 àquele mesmo hotel, quartel-general de Beye, dos delegados governamentais angolanos e da imprensa internacional, afim de explicarem descontraidamente que tudo estava mais ou menos bem, que a atitude de Patricio fora uma precipitação e que a reunião... seria hoje.

Depois, já perto das 13 horas, foi um "maître" Beye visivelmente aliviado que confirmou a realização do encontro para hoje, com o pormenor de que nunca ninguém ouvira da sua boca nenhum dia nem local marcados para a cimeira. Se alguém falara em datas e se precipitara a culpa não fora sua.

Ao mesmo tempo, em Luanda, o gabinete do Presidente da República dizia que, apesar das dificuldades surgidas com a preparação deste frente-a-frente, José Eduardo dos Santos, "no interesse da paz e da reconciliação nacional", viria hoje até à capital da vizinha Zâmbia, "a fim de realizar todas as actividades programadas".

Savimbi foi recebido durante a tarde de ontem pelo Presidente zambiano, Frederick Chiluba, e às 15 horas de hoje, na State House, deverá ser finalmente o tão ansiado encontro, que Luanda entende como oportunidade para solidificar o Protocolo de Lusaca e a UNITA desejaria que fosse bem mais do que isso, abrindo caminho para outras negociações.

No entanto, os mal-entendidos de quinta-feira, quando tudo esteve quase a ir por água abaixo, conforme o PÚBLICO notava ontem, não prognosticam nada de bom para o encontro de hoje à tarde na Presidência da República zambiana, nesta cidade onde em 1974 Portugal negociou com a Frelimo a independência de Moçambique e onde o ano passado se procurou tirar a ferros um acordo para a pacificação geral de Angola.

"José Eduardo dos Santos já está há demasiado tempo no poder e era bom que desse lugar a outro. Não se nasce Presidente e não se deve ficar Presidente por toda a vida", opinou um cidadão zambiano, simpatizante do Movimento para a Democracia, que em 1991 ajudou Chiluba a derrotar nas urnas o chefe de Estado que havia desde a proclamação da independência, em Outubro de 1964, Kenneth Kaunda.

No entanto, a coisa mais improvável deste mundo será ver o líder do MPLA dar o seu lugar, ou até mesmo ceder uma parte dos seus poderes, a um senhor chamado Jonas Malheiro Savimbi, que na Zâmbia sempre gozou de alguma simpatia. ■

As "falhas" de Savimbi

PÚBLICO, 5.5.95

O COMUNICADO da Presidência da República de Angola a anunciar ontem que, "apesar das dificuldades surgidas à volta da preparação" do encontro com o líder da UNITA, José Eduardo dos Santos decidiu deslocar-se a Lusaca denota um certo mal-estar do Governo em relação ao comportamento de Jonas Savimbi nos últimos dias, referem fontes políticas e diplomáticas em Luanda.

As autoridades angolanas, as Nações Unidas e a UNITA teriam estabelecido um acordo de cavalheiros, segundo o qual Jonas Savimbi chegaria no dia 3 deste mês à capital zambiana, ou seja, um dia depois de José Eduardo dos Santos, e que as três partes se absteriam de fazer comentários ou declarações nos dias que antecediam a cimeira.

Savimbi começou por irritar o Governo — e o representante da ONU, Alioune Blondine Beye — quando, no dia 1, de visita à Costa do Marfim, no âmbito de um périplo por vários países africanos, revelou que o encontro seria ontem em Lusaca. Esta teria sido a "primeira falha" do líder da UNITA. Quem deveria, supostamente, anunciar a data da cimeira era o emissário de Butros Butros-Ghali.

Crítica velada de Alioune Beye

A "segunda falha" foi quando Savimbi, em entrevistas à imprensa portuguesa, à SIC e à Rádio Renascença, invocou um problema da segurança, depois de ter recebido garantias das Nações Unidas de que partiria do Bailundo (Angola), no dia 3, num avião da ONU, na companhia de Beye, até Lusaca. O chefe do movimento do Galo Negro acabou por chegar ao local do encontro apenas ontem de manhã.

O que mais enfureceu o Governo foram, aparentemente, as afirmações de Savimbi de que queria ouvir de José Eduardo dos Santos se em Luanda ainda pensam assassiná-lo.

Nos círculos oficiais isto caiu muito mal. Se no passado ele tinha razões para desconfiar que haveria planos para o eliminar — durante a batalha do Huambo, em Novembro de 1994, por exemplo, quando a guerra justificava tudo —, agora parece contraproducente levantar dúvidas sobre a sua segurança. A existirem planos para o matar, isso significaria o fim do processo de paz, comentaram fontes políticas em Luanda.

Alioune Beye terá deixado transparecer também uma crítica velada a Savimbi quando ontem salientou que todas as declarações ouvidas até agora "são da responsabilidade de quem as fez". ■

Aguiar dos Santos, em Luanda

Notícias Africanas

FAÇA JÁ SUA ASSINATURA

LIGUE 531-2000 RAMAL 259

A cimeira conturbada

O Presidente angolano e o líder rebelde voltam a encontrar-se entre desconfianças mútuas e grande pressão internacional

EXPRESSO, 6.5.95

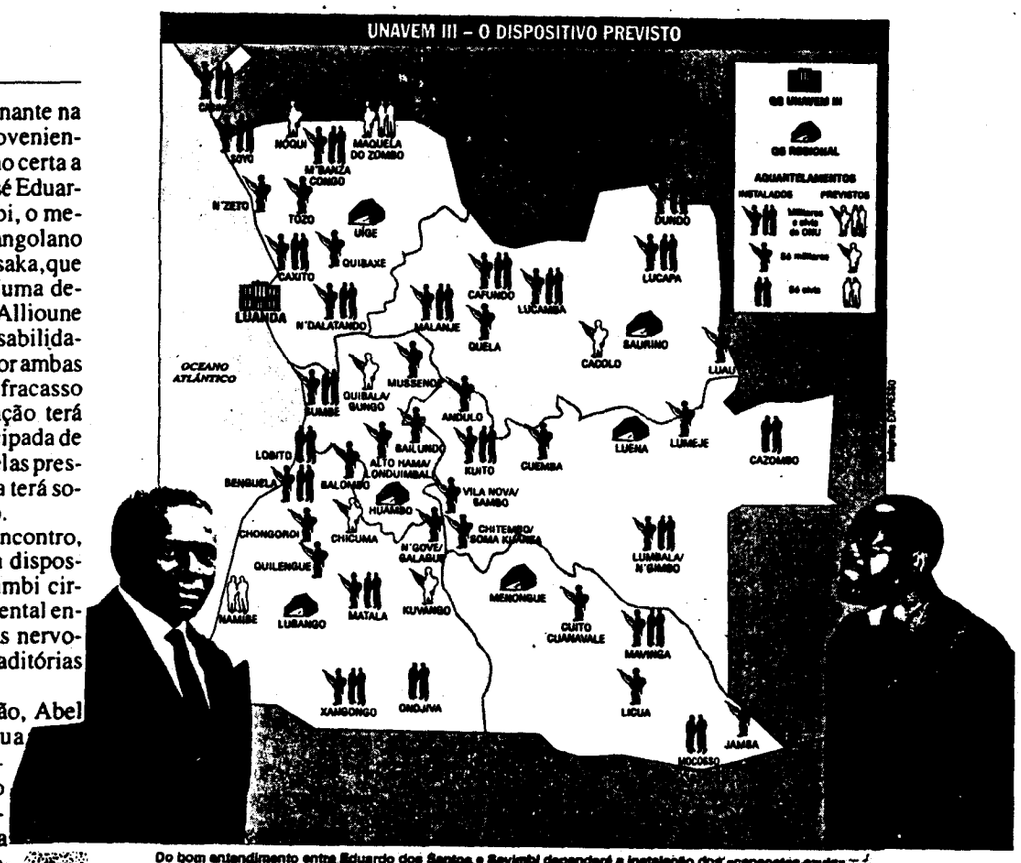
GUSTAVO COSTA
enviado a Lusaka

DEPOIS de uma manhã alucinante na sequência de informações provenientes de Luanda que davam como certa a anulação do encontro entre José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, o mediador do processo de paz angolano acabaria por confirmar, em Lusaka, que a reunião se iniciaria hoje. Numa declaração de cinco minutos, Allioune Blondi Beye refutou responsabilidades, que lhe foram atribuídas por ambas as partes, pela eminência do fracasso de um encontro cuja realização terá sido salva pela presença antecipada de Jonas Savimbi em Lusaka e pelas pressões diplomáticas que Luanda terá sofrido para rever a sua posição.

Antes da confirmação do encontro, aparentemente calmos e bem dispostos, os «diplomatas» de Savimbi circulavam no Hotel Intercontinental entre um batalhão de jornalistas nervosos com as informações contraditórias que circulavam em Lusaka.

Desdramatizando a situação, Abel Chivukuvuku, que fez a sua reaparição desde que abandonou Luanda com destino ao Bailundo, trajando um impecável fato azul, considerou a atitude do Governo como **«reflexo de um certo ciúme»**. Chivukuvuku adiantou ao EXPRESSO que o líder do Galo Negro continua a pretender para o encontro de hoje uma **«agenda aberta»** e que deverá mesmo propor a Eduardo dos Santos um encontro a sós, sem a presença de testemunhas.

«É importante que eles estejam, pela primeira vez na história, frente a frente, sozinhos», salientou, por sua vez, Marcial Dachada, secretário da Informação da UNITA, acrescentando que o encontro **«deve levar em definitivo Eduardo dos Santos a dizer claramente qual o papel do nosso Presidente no processo de consolidação da paz e como será possível preservar o futuro dos homens da UNITA»**.



Do bom entendimento entre Eduardo dos Santos e Savimbi dependerá a instalação dos «capacetes azuis» – *

Os porquês do «suspense»

«Desconfiança de gato escaldado» é talvez a expressão que melhor caracteriza a forma como, nas vésperas da reunião na capital zambiana, o Presidente angolano encarava o encontro com o líder da UNITA. Um frente-a-frente laboriosamente preparado pelo mediador da ONU com o apoio da «troika» de observadores e de vários governos africanos desde o «desencontro» de Novembro passado, quando o Governo angolano e a UNITA assinaram o «protocolo de Lusaka» na ausência do líder do Galo Negro.

Desconfiança que aumentou em Luanda depois da iniciativa lançada em Marrocos por Savimbi e apadrinhada pelo rei Hassan II que visava impor uma nova fórmula de divisão do poder em Angola. A proposta, apoiada pelo Presidente zairense, Sese Seko Mobutu, e subtilmente guardada por Savimbi como último trunfo, assentaria na criação de um Conselho de Reconciliação Nacional do qual fariam parte Eduardo dos Santos e os líderes da UNITA e da FNLA. O MPLA e a UNITA disporiam de poderes paritários.

A descoberta deste «arranjo», que poderia culminar com a formação de um governo de transição cujo programa seria elaborado em conjunto com a UNITA, provocou grande irritação nos meios dirigentes de Luanda.

O mal-estar começara já antes, com a digressão de Savimbi por alguns países africanos **«amigos»**, depois de se ter gorado a tentativa de ser recebido pelo Presidente sul-africano, Nelson Mandela. **Desiludiram-se assim os optimistas e os crédulos que acreditavam que o primeiro aperto de mão entre Eduardo dos Santos e Savimbi desde as eleições de 1992 poderia aliviar a tensão entre as duas partes angolanas.**

Mesmo antes do anúncio da suspensão da cimeira, o Presidente angolano tinha feito saber em Luanda que não iria à Zâmbia disposto a alterar fosse o que fosse do «protocolo de Lusaka». O secretário do Conselho de Ministros, Carlos Feijó, a única testemunha por parte do Governo especialmente indigitada por Eduardo dos Santos para assistir ao encontro, para **«evitar a reedição da 'barracada' de Gbadolite»**, garantiu ao EXPRESSO que **«os resultados da reunião de Lusaka não podem constituir um apêndice ou uma adenda correctora ao protocolo»**, considerado **«intangível e não negociável»**.

Por esta razão, Luanda não poupa as críticas ao rei de Marrocos pelo conteúdo da carta que o soberano enviou recentemente ao Presidente angolano. **«Hassan II sugeriu uma solução extraprotocolo de Lusaka para salvar a face do líder da UNITA quando é sabido que este encontro de Lusaka jamais poderia colidir ou ultrapassar o que foi aceite e assinado na capital zambiana em Novembro»**, disse ao EXPRESSO uma fonte do Futungo de Belas.

Continua na pág. 11

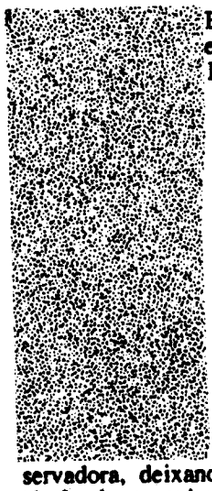
Continuação da pág. anterior

A cimeira conturbada

Procurando minimizar a importância da cimeira, Luanda chegou a afirmar que a deslocação do Presidente a Lusaka era uma **«visita de trabalho a convite do seu homólogo zambiano»**, à margem da qual seria concedida uma audiência ao líder da UNITA. O subterfúgio não resultou e acabou por ter o efeito contrário ao pretendido. Com efeito, a posição de Luanda fez aumentar o interesse e as expectativas da imprensa regional e internacional em relação ao encontro, circunstância que Jonas Savimbi aproveitou, mais uma vez, para desencadear uma verdadeira operação de «marketing» político.

Contrariando a posição de Luanda, os homens da UNITA atribuíram uma importância desmedida ao encontro. Um alto dirigente do Galo Negro disse que, durante as negociações preparatórias destinadas a preparar a agenda da reunião, o seu movimento tinha dito claramente que a definição do futuro político de Savimbi era determinante para o sucesso da cimeira.

Depois das suas visitas a países **«amigos»**, Savimbi apresenta-se em Lusaka reconfortado com os apoios recebidos. Convencido de que na arena internacional o tempo corre a seu favor, face ao imobilismo e à escassa agressividade diplomática do Governo, julga-se em condição de baralhar de novo o jogo político.



Estado, actualmente monopólio do MPLA, é indispensável à sua sobrevivência material como partido parlamentar.

A delegação do Governo às negociações preparatórias, prevenida contra este tipo de reivindicações, privilegiou a abordagem das questões políticas e acabou por actuar como observadora, deixando à mediação a tarefa de organizar o encontro de Lusaka.

«A nossa presença aqui [na fase de negociações preparatórias] serve, por um lado, para reafirmar o empenhamento pessoal do Presidente na aplicação do protocolo de Lusaka e, por outro, para afastar o espectro da desconfiança permanente e auscultar a opinião de Jonas Savimbi sobre o futuro de Angola e o seu próprio futuro», disse ao EXPRESSO um conselheiro do Presidente Eduardo dos Santos.

Novas negociações?

Era sabido que o Governo e a UNITA estavam à beira de chegar a um entendimento acerca do adiamento das eleições por três anos, mas Luanda parece ter percebido demasiado tarde que a «fórmula Mandela» — a atribuição a Savimbi de um cargo de vice-presidente em pé de igualdade com o secretário-geral do MPLA — era um «sapo vivo» que o líder da UNITA não aceitaria engolir.

Luanda não rejeita liminarmente a revisão total das negociações mas faz da desmilitarização da UNITA e da livre circulação de pessoas e bens por todo o território angolano cavalos de batalha para este novo braço-de-ferro. **«Só quando estas condições forem cumpridas poderemos falar em contrapartidas ao nível da partilha do poder político e administrativo com a UNITA»**, disse ao EXPRESSO um dirigente do MPLA.

Os homens do Galo Negro entendem, pelo contrário, que a redistribuição das riquezas

Aperta-se o cerco diplomático

EXPRESSO, 6.5.95

O CERCO diplomático está a apertar-se à volta do Governo angolano e da UNITA e o périplo de Savimbi antes da cimeira com Eduardo dos Santos, que tanta celeuma levantou em Luanda, confirmou a vontade dos países africanos de ver respeitado e consolidado o cessar-fogo em Angola.

Depois dos Presidentes Nelson Mandela, da África do Sul, e Sam Nujoma, da Namíbia, se terem declarado **«indisponíveis»** para receber o líder da UNITA em qualquer data precisa, mesmo depois de Lusaka, apenas três chefes de Estados tradicionalmente amigos do Galo Negro se prontificaram para o receber: Mobutu Sese Seko, do Zaire, Konan Bedié, da Costa do Marfim, e Hassan II, de Marrocos.

Savimbi aproveitou ainda a ida do Presidente da Costa de Marfim ao Togo (relacionada com a situação na Libéria que ameaça desestabilizar os países vizinhos pelo afluxo de dezenas de milhares de refugiados e a multiplicação dos incidentes fronteiriços) para acrescentar Lomé à lista das capitais visitadas.

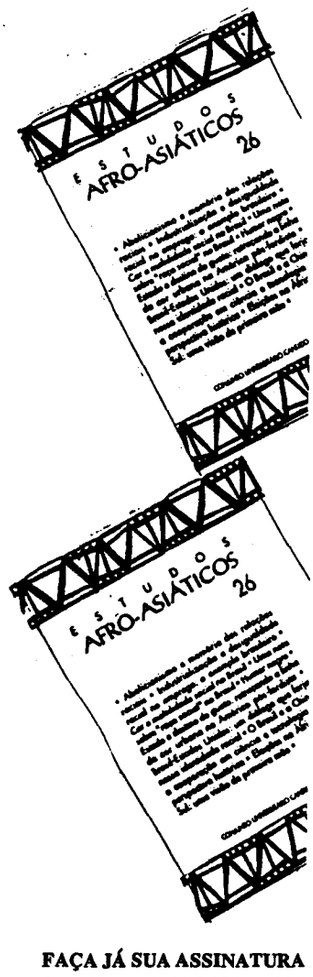
No sábado passado, Savimbi foi a Yamossoukro recolher-se sobre o túmulo de Felix Houphouêt-Boigny falecido há um ano, gesto que lhe inspirou reflexões filosóficas sobre a necessidade de saber abandonar o poder a tempo. Savimbi, que considerava o «velho sábio» como um pai espiritual, não deixou de sublinhar que Houphouet **«faz muita falta»**.

Os anfitriões multiplicaram os gestos de deferência em relação a Savimbi que viajou em aviões oficiais postos à sua disposição pelos chefes de Estado visitados, que, no entanto, se abstiveram de declarações públicas sobre o conteúdo das conversações ou sobre a situação em Angola. Rabat acabou por ser a etapa mais mediática da viagem, graças, sobretudo, ao impacto que tiveram em Portugal as entrevistas do líder da UNITA e a deslocação a Marrocos de uma delegação do PSD encabeçada por Pedro Pinto, um dos vice-presidentes do partido governamental.

As acusações de «parcialidade» lançadas pela UNITA contra o representante do secretário-geral da ONU em Angola, o maliano Alioune Blondin Beye, que terá alegadamente pressionado Mandela para não receber Savimbi não mereceram nenhuma reacção nem do interessado nem dos observadores. Savimbi acabou por manifestar o seu desagrado ao recusar viajar para Lusaka no mesmo avião que Beye para dar mais peso às suas afirmações, segundo as quais não confiava nas garantias da ONU acerca da sua segurança pessoal, que foi assegurada pelas forças armadas zambianas.

Com Savimbi em Lusaka e a confirmação oficial do encontro de hoje, Beye averbou mais uma vitória da sua estratégia dos «pequenos passos». Depois do aperto de mão simbólico, as delegações do Governo e da UNITA vão continuar a negociar, condenados a entenderem-se por uma comunidade internacional determinada a não dar mais ouvidos a desculpas e a acusações mútuas.

N.G.



FAÇA JÁ SUA ASSINATURA
LIGUE 531-2000 RAMAL 259

Mornas e coladeras festejaram Cabo Verde na Aula Magna

"Sabura di nôs terra"

MIGUEL SILVA

PÚBLICO, 8.5.95

Dany Silva: o "astro" conquistou o espaço

FOI OUTRA vez a "sôdade di nôs terra", a navegar longe na lembrança, que atacou na sexta-feira, na aula Magna, no espectáculo da Associação Caboverdiana. Péricles Duarte cortejou os espectadores de forma exemplar com o seu saxofone. Namorador de sons, ofereceu-se singelamente na alegria das mornas e coladeras. Porque de "sabura" estava a noite grávida.

Depois, Vaiss foi o mestre de cerimónia, a despeito dos préstimos de Rui Romano que o apresentou, derrando ternura e afectos. A sala não estava esgotada mas também não precisava. Foi é muito alongada. Com os africanos é preciso contar que o relógio tem outros ponteiros.

Sara Tavares, revelada na Chuva de Estrelas, dardejou a sala como se fosse um cometa. Outros astros, como Dany Silva, tinham há muito conquistado o espaço. Como se podia esperar tendo ali a categoria de Titina?

John Rendhal passou timidamente. Mas os sons da guitarra e do cavaquinho ecoaram para sempre. Foi Gilberto Gil Umbelina que desobedeceu a quietude: "Mesmo o parlamento fica animado e vocês?", incitou. O ruído e os coros não se demorariam.

De Santiago, os batuques e o menear das ancas das cantadeiras erotizaram o palco. Tinham razão aqueles que as proibiram durante séculos? Não. Veja-se a sua importância na instituição da literatura de Cabo Verde. Lalacho divulgou alguns dos poemas em crioulo escrito por estas mulheres "analfabetas". Falam invariavelmente de amor. Mas também são de escárnio e mal-dizer.

Foi também uma festa para ajudar os castigados pela lava do vulcão "horrivelmente belo" que outra vez visitou a Ilha do Fogo: Titina quis sublimar a tristeza com "Fidjo Magôedo", uma morna antiga de Jorge Monteiro, desconvocando as lágrimas. Logo a seguir sacudiu-as com uma coladera: "Menina de Salamança", que fica nos arredores do Mindelo, em São Vicente. Como diz Tito Paris, que lá não esteve, a senha "dança ma mi crioula" há muito estava dada. Porque "sabura tem nôs terra di Cabo Verde". ■

Nelson Saúte

Histórias repetidas

EXPRESSO, 6.5.95

AS PERIPÉCIAS que antecederam o «histórico» reencontro entre o Presidente José Eduardo dos Santos e o líder da UNITA, Jonas Savimbi, não constituíram uma surpresa para quem segue a evolução da situação angolana. Pelo contrário, provocam uma indisfarçável e irritante sensação de se ter assistido à enésima representação de um velho filme, com um excelente guião interpretado por óptimos actores mas que perdeu há muito o poder de surpreender e emocionar as plateias.

Desde o recomeço da guerra em Angola, depois das eleições de 1992, a comunidade internacional e a ONU tentaram repetidas vezes forçar os dois beligerantes angolanos a empreender o caminho da reconciliação nacional. Pressionados, acabam por concluir complicados acordos, mas fica sempre alguma questão pendente para justificar posteriores bloqueios. Agastada, a comunidade internacional passa a exigir um gesto simbólico, um compromisso solene ao mais alto nível, convicta de que a paz jurada se tornaria irreversível.

O rancor e a desconfiança são amplamente partilhados e são exactamente estes sentimentos persistentes e subliminares que tornam ilusórios todos os abraços e apertos de mão entre Eduardo dos Santos e Savimbi, por mais mediáticos que sejam.

É sobre o terreno, na separação efectiva das tropas e na progressiva consolidação do cessar-fogo, que a comunidade internacional deve avaliar a verdadeira vontade de paz que, indesmentivelmente, anima a maioria dos combatentes e dos civis angolanos, seja qual for o lado da trincheira onde o azar da guerra os colocou, muitas vezes contra a sua própria vontade.

Para estes, para a esmagadora maioria do povo angolano, seria uma autêntica tragédia se as Nações Unidas aproveitassem o previsivelmente inconclusivo encontro de Lusaka para adiar o envio dos «capacetes azuis» para Angola.

NICOLE GUARDIOLA

Cimeira angolana

Última oportunidade para a paz

EXPRESSO, 6.5.95

GUSTAVO COSTA
enviado à Zâmbia

UMA tentativa de última hora para «reabrir» o protocolo de Lusaka e incluir novas propostas de negociação — nomeadamente a constituição de um Conselho de Reconciliação Nacional — foi uma das causas que puseram em risco a cimeira entre o Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, e o líder da UNITA, Jonas Savimbi, que hoje se inicia em Lusaka.

Oficialmente, porém, o encontro nunca esteve em risco. Como tinha previamente avisado, o representante da ONU para Angola, Allioune Blondi Beye, fiel à sua estratégia de pequenos passos, só anunciou formalmente a realização do encontro ao meio-dia de ontem, depois de Savimbi se encontrar nesta capital.

A «suspensão» da viagem de Eduardo dos Santos ficou a dever-se à irritação sentida pelo Governo perante o périplo africano de Savimbi. Luanda desconfiava que o líder da UNITA estava a tentar reunir apoios para as suas novas propostas, visando áreas não contempladas no protocolo de Lusaka, assinado em Novembro passado, algo que o Governo rejeita, embora sem fechar completamente a porta.

Os dois irmãos-inimigos vão finalmente encontrar-se, apesar de não se saber ainda se reunirão a sós, como pretende a UNITA, ou na presença de pelo menos uma testemunha, como pretende José Eduardo dos Santos. De qualquer modo, a cimeira surge como uma derradeira oportunidade para o processo de paz em Angola, embora não sejam de esperar grandes resultados. É, principalmente, permitirá aos «capacetes azuis» prosseguir o seu trabalho de instalação no terreno ([illegible]).

A Comissão Conjunta angolana reúne-se quarta-feira no Lobito

Uma parceria para a paz

PÚBLICO, 8.5.95

Do nosso enviado
Jorge Heitor,
em Lusaca

O que sobressai no rescaldo da cimeira angolana de sábado, na capital zambiana, é que os dois lados estão agora a enveredar por uma espécie de parceria, que dentro de alguns meses poderá vir a dar à UNITA um certo quinhão do poder. José Eduardo dos Santos talvez medite no exemplo de Mugabe, que neutralizou Nkomo dando-lhe uma vice-presidência.

A Comissão Conjunta encarregada de dar cumprimento ao Protocolo de Lusaca reúne-se quarta-feira na cidade do Lobito, para a qual o medianeiro das Nações Unidas, Alioune Blondin Beye, segue simbolicamente por estrada a partir de Luanda, via Sumbe, a fim de demonstrar que hoje em dia já se começa a poder circular por Angola, depois de tantos anos de guerra.

A caravana da ONU para o Lobito e a reunião nessa cidade da província de Benguela são os primeiros passos concretos para colocar à prova a boa vontade sábado demonstrada na capital zambiana pelo Presidente angolano José Eduardo dos Santos e pelo líder da UNITA, Jonas Savimbi.

"Maître" Beye disse-nos nessa mesma noite que antes do fim do mês já estará em Angola toda a unidade portuguesa de transmissões que vai facilitar a vida do grosso dos capacetes azuis aguardados até Setembro; e que depois dela chegam uma unidade hospitalar romena e uma unidade naval da Argentina, igualmente como apoio aos seis batalhões que vão ser distribuídos pelas seis regiões que a Missão de verificação das Nações Unidas (UNAVEM 3) criou no país: Norte, Nordeste, Centro, Leste, Sul e Sueste.

Para ele, a abertura dos eixos rodoviários, a desminagem e a reconstrução de pontes são fundamentais para a normalização da vida angolana, dentro do espírito de reconciliação e de parceria por que José Eduardo dos Santos e a UNITA decidiram finalmente enveredar. Mas reconheceu que a desminagem vai demorar tinha previstas deslocações ao Zimbabué e à África do Sul, antes do regresso a Luanda, considerou muito útil o conceito de parceria, através do qual o Estado baseado no MPLA e o partido de Savimbi se deverão agora acomodar um ao outro, após 20 anos de profundo conflito.

Num país onde as eleições se efectuaram depois de ter havido uma longa guerra, é melhor associar o derrotado à gestão do Estado, para que tudo se normalize, defendeu Alioune Beye, que está crente na transformação da UNITA em grupo político sem forças armadas.

A parceria e o possível anulamento da segunda volta das eleições presidenciais iniciadas em Setembro de 1992 foram os temas básicos da reunião entre José Eduardo dos Santos e Savimbi, tendo ficado uma vez mais no ar a hipótese de este vir a ser dentro de algum tempo contemplado com um posto de vice-presidente, tal como Joshua Nkomo o foi no Zimbabué, depois de muitos anos de oposição a Robert Mugabe e à ZANU.

A UNITA, associada ao poder, a subalternização ainda maior dos terceiros partidos e a ausência de quaisquer eleições dentro dos próximos dois anos seriam nesta fase as perspectivas de Angola, segundo o entendimento de muitos dos que assistiram à histórica jornada de 6 de Maio em Lusaca.

Em 15 de Junho, deverá haver, ao que se crê em Genebra, uma nova conferência para ajuda aos angolanos; e era importante que estes se mostrassem unidos para que as potências se resolvessem a ajudá-los. Mas só novos encontros entre José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, de preferência em Luanda, dentro dos próximos meses, é que poderão confirmar se o que aconteceu durante este último fim-de-semana foi de facto um grande passo para a ultrapassagem definitiva de quase três décadas de conflito entre o MPLA e a UNITA.

Entretanto, o chefe do Estado angolano encarregou Beye de transmitir ao Presidente do Zaire, marechal Mobutu, o seu reconhecimento pelo "papel bastante positivo" desempenhado no conflito que o opunha a Savimbi e que no sábado teria ficado aparentemente ultrapassado, com uma séria conversa de cerca de duas horas na State House, em Lusaca.

Três dias antes, o secretário-geral das Nações Unidas, Butros Butros-Ghali, dissera ser imperativo que a chegada de alguns milhares de capacetes azuis, durante os próximos meses, fosse acompanhada por uma crescente cooperação entre o Governo e a UNITA. ■

A bordo de cargueiro romeno

Capacetes azuis partem hoje para Angola

PÚBLICO, 9.5.95

O PRIMEIRO grupo de capacetes azuis portugueses parte hoje para Luanda, a bordo do cargueiro romeno Dragasin. O navio foi fretado pela ONU para transportar o equipamento da Companhia de Transmissões. A bordo, vão seguir contentores com reservas alimentares para os primeiros 30 dias, dezenas de viaturas e equipamento de apoio, além do sofisticado sistema de transmissões, que já vai usar o satélite português Posat-1.

O navio oferece um aspecto preocupante, apesar da tripulação, que não recebe salários há seis meses, garantir que é seguro. O que os militares portugueses não esperavam é que quase toda a carga, viaturas e contentores, tivesse que ser instalada no convés, facto que acarreta um certo risco, pela exposição ao mar e às intempéries, durante os 14 dias de duração da viagem.

Uma segunda equipa, com dez elementos além do respectivo comandante da unidade, major Câmara Stone, segue de avião na sexta-feira, enquanto que o grosso da companhia deve partir, também por via aérea, no dia 23, altura em que o navio deve aportar a Luanda.

A missão atribuída à unidade militar portuguesa é semelhante à que realizou em Moçambique, só que mais complicada devido à dispersão dos meios e do pessoal por seis áreas diferentes de Angola. A companhia vai actuar em Luanda, em Saurimo, Lubango, Huambo, Menongue e Luena.

Ontem, o general-chefe do Exército, Cerqueira Rocha, e o comandante da Logística, general Espírito Santo, assistiram a parte dos trabalhos de estiva. Cerqueira Rocha recomendou muito que "escorassem" bem as viaturas que vão viajar sobre uma plataforma acima do bordo do convés. Não vá o mar pregar alguma partida.

A companhia (CTM5) é composta por 101 homens e está preparada para partir desde há uns meses. A ordem de marcha para Angola veio depois de confirmado o protocolo de Lusaca celebrado entre o Governo de Luanda e a UNITA. O encontro entre José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, no sábado, simbolizou essa confirmação do protocolo, resultando na luz verde para se iniciar o envio dos capacetes azuis que vão constituir a Unavem III. O envio de capacetes azuis tinha sido aprovado em 8 de Fevereiro pelo Conselho de Segurança. ■ **C.C.**

Mbeu encena este mês, em Maputo, a peça "Joaquim Chofer"

Craveirinha sobe ao palco

PÚBLICO, 9.5.95

Nelson Saúte

Um poema de José Craveirinha está na origem da nova peça de M'Beu, um dos grupos que mais se distingue no teatro em Moçambique. Terra onde a arte dramática continua a recriar, com surpreendente inventiva, um quotidiano de constante sofrimento.

José Craveirinha

O grupo M'beu, satélite do Mutumbela Gogo, ambos conhecidos em Portugal pela participação em festivais de teatro — FITEI, entre outros — estreou uma nova peça — "Joaquim Chofer" —, baseada num poema homónimo de José Craveirinha.

Considerado o poeta moçambicano mais importante, não é a primeira vez que Craveirinha sobe ao palco. Aquando do Prémio Camões, que lhe foi outorgado em 1991, o Mutumbela Gogo encenou-o na homenagem que fez a este mestre da Mafalala, bairro celebrado nos seus textos. Do autor de "Xigubo", "Karingana Ua Karingana", "Cela 1" (publicados pelas ed. 70) e "Maria" (ed. ALAC), conhece-se uma poesia que se funda na oralidade e numa forte e surpreendente capacidade dramática: as saborosas Tanjarinas d' Inhambane, um dos poemas mais ditos nas praças moçambicanas, é um exemplo paradigmático.

Também não é a primeira vez que os encenadores recorrem a textos poéticos para a criação das suas peças. O Mutumbela Gogo criou há anos "Nove Hora", trabalho baseado no poema homónimo de Rui Nogar, poeta da geração de Craveirinha, falecido há dois anos em Lisboa.

À falta de dramaturgos, o teatro em Moçambique socorre-se de outro tipo de escritas. Muitas vezes são os próprios actores que criam os diálogos das peças que montam de improviso. Este facto explica ainda a extraordinária vitalidade da arte dramática entre os moçambicanos.

Entretanto, o Mutumbela está outra vez em campanha pelo país. Depois de "Vestir a Terra", no passado, com a qual encenou a democracia, no período que antecedeu as primeiras eleições multipartidárias no país, em finais de Outubro. Escrita inicialmente em português, a peça foi vertida para outras tantas línguas que cobrem o vasto território. A problemática do poder, que muito apaixona os moçambicanos, está na base da peça a estrear nos finais deste mês. Enquanto isso, "Só a Vida Merece Flores", à volta da doença da sida, ocupa os actores do Mutumbela.

Outro grupo conhecido em Portugal é o Gungu, que enche as salas do antigo cinema Matchedje, na baixa de Maputo, com a peça "Oiça Ministro", crítica ao comportamento de alguns dirigentes.

Os jovens do Mhâla Mhâla (designação que leva o instrumento conhecido por xipalapala, uma espécie de trombeta) está na Casa Velha, associação que construiu um recinto que replica os antigos circos romanos, com "O Empregado". Anteriormente tinham encenado "Vivo ou Morto" e "O Chamboco".

A Casa Velha prepara-se para repor "O Osso", com Mário Mabjaia, no papel principal. Este actor popularizou-se na televisão com "skecht" satíricos. Neste momento, Mário Mabjaia protagoniza a telenovela A Loja dos Sonhos, do Teatro Música Moçambique, dirigido por Hermínio dos Anjos, em rodagem. "O Osso" foi um dos maiores sucessos do grupo.

"O Amante" é como se chama a peça levada ao palco de um antigo cinema — o Xenon, em Maputo — pelos jovens do Mpala. A profusão de trabalhos, que caricaturam um quotidiano de continuado sofrimento, confirmam a vocação que os moçambicanos têm para o teatro, arte na qual empregam paixão e uma surpreendente inventiva. ■

COMUNICADO
AOS BOLSISTAS CABO-VERDIANOS

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos está enviando, gratuitamente, aos bolsistas de Cabo Verde no Brasil orientados pelo Programa de Administração de Bolsistas do CEAA a publicação NOTÍCIAS AFRICANAS, com a finalidade de mantê-lo em contato com o noticiário sobre seu país e os demais Palops. Em virtude do alto custo de uma publicação desse tipo, NOTÍCIAS AFRICANAS será enviada para estudantes agrupados em um mesmo endereço, em vez de para cada um dos bolsistas.

Notícias Africanas

NOTÍCIAS AFRICANAS é uma publicação do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, do Conjunto Universitário Candido Mendes. Edição: Equipe do Programa de Estudos Africanos (Beluce Bellucci, Edson Borges, José Maria Nunes Pereira, Marcelo Bittencourt e Roquinaldo Amaral Ferreira). Apoio: Fundação Ford. Produção Gráfica: Hamilton Magalhães Neto (coordenação); Williams Neto (arte-final); Gicélia da Conceição e Sônia Maria (composição). Assinatura, correspondência e pedido de números atrasados devem ser encaminhados à (*Subscriptions, correspondence and request for back issues made payable and addressed to*): Sociedade Brasileira de Instrução – Centro de Estudos Afro-Asiáticos – Rua da Assembléia, 10, Conjunto 501 – CEP 20119-900, Rio de Janeiro – RJ – Brasil – Tel. (021) 531-2000/R. 259 e 531-2636, Fax (021) 531-2155. – Assinatura anual (em dólar comercial): *Instituições internacionais:* US$ 250.00; *nacionais:* US$ 200.00; *Pesquisadores:* US$ 100.00. *WE ASK FOR EXCHANGE.*

IMPRESSO